

Amigos:

Boa tarde!

Em tempo de férias para grande parte de vós, aqui deixo uma meditação motivada pela Palavra de Deus que ouvimos ontem...

Boas férias!

Abraço amigo!

Sobreviver ou Viver de verdade?

(XVIII Domingo B)

A primeira leitura da missa de ontem situava-nos no âmbito do êxodo, a grande experiência libertadora do povo de Israel, expressão maior do amor de Deus, ainda hoje celebrada como tal, na Páscoa, quando Deus, pela mão de Moisés, intervém de forma decisiva na história para os salvar da opressão que viviam no Egito.

Porque Deus nunca fica indiferente diante do mal que cada um de nós vive “*Eu vi a aflição do meu povo...*”, independentemente até de nos doer ou não, de termos ou não consciência disso (às vezes percorremos caminhos de mal sem nos apercebermos disso, no momento...).

Não foi logo à primeira que Moisés conseguiu convencer o povo a segui-lo.

Não acreditavam que fosse possível o que Moisés lhes propunha em nome de Deus.

Às vezes, quando olhamos só para nós, para as nossas capacidades, não nos parecem muito viáveis os sonhos de Vida verdadeira que Deus semeou no nosso coração e que nos desafiam a ir sempre mais longe do que o que já somos...

Mas o povo acabou por aderir ao caminho de libertação que Deus lhe propunha.

Seguiu Moisés certamente com um misto de emoções contraditórias.

Por um lado, com a esperança de uma vida melhor (aquela vida de escravidão cada vez mais pesada que sofriam no Egito, não era vida digna desse nome...) baseada na certeza do amor de Deus, manifestado até aí nos muitos sinais realizados por Moisés e Aarão.

Mas a adrenalina daquela fuga do Egito, de noite, com os riscos que implicava, era também seguramente alimentada pelo receio do Egito, uma das duas grandes potências na época: que podiam eles, escravos desarmados, fazer contra um exército poderoso que os iria certamente perseguir?

O sonho, a aspiração de uma vida verdadeira e não da simples sobrevivência, falou mais alto e partiram, guiados por Moisés.

Só que depois veio a dureza das privações do deserto: a fome, a sede, a incapacidade de prover às necessidades mais básicas começaram a minar a força do entusiasmo e da esperança iniciais. E, a dada altura, começaram a recordar-se do passado (*“quando estávamos sentados ao pé das panelas de carne e comíamos pão até nos saciarmos”*) e já murmuravam contra Moisés (e, indirectamente, contra Deus): *“Trouxestes-nos a este deserto, para deixar morrer à fome toda esta multidão”*. A revolta começou a ganhar corpo e até já pensavam em regressar ao passado.

São muitas as vezes que vivemos situações idênticas. Ao entusiasmo inicial do encontro com Jesus e da descoberta da qualidade de Vida que Ele nos dá, segue-se muitas vezes a dureza do deserto: a dificuldade em compreender o sentido do que vivemos, a aridez da oração e do vazio que essa incompreensão gera... e tudo isso pode fazer-nos pôr em causa a justeza das nossas apostas de vida.

É nessa altura que Deus nos pergunta com toda a clareza: o que é que queres fazer da tua vida, qual é o teu propósito: sobreviver ou viver de verdade?

A história da Igreja está cheia de milhares e milhares de testemunhos que conhecemos (sem contar com os que não são públicos e que são imensamente mais...) de gente que preferiu morrer a renegar o que de mais importante tinha na vida: a alegria de viver a vida com Jesus e ao jeito de Jesus!

Mas mesmo muitos outros, crentes ou não, foram e são capazes de morrer por valores tão essenciais que entendem que a sua vida não tinha sentido sem eles. Ainda neste sábado ouvia, numa entrevista, um preso político envolvido na troca de prisioneiros entre a Rússia de Putin e o Ocidente, se não afirmar categoricamente que o faria, pelo menos equacionar a possibilidade de regressar à Rússia (onde seria provavelmente preso outra vez...) para defender os valores da liberdade e dos direitos humanos, por uma questão de solidariedade com o seu povo...

A nossa própria história pessoal, a par de momentos em que isso não aconteceu, está cheia de outros momentos em que o que presidiu às nossas escolhas foi a lógica do dom, da entrega aos outros e não a da simples sobrevivência (o instinto primeiro, mais básico de qualquer pessoa).

De que nos serve viver mais cinco, dez, vinte ou trinta anos, se esse tempo não for um tempo que nos ajude a crescer por dentro (o que para quem conhece de verdade Jesus Cristo é o mesmo que dizer, crescer para Deus)?

Mas a Palavra de Deus deste Domingo que passou deixa-nos outra pergunta que Deus nos faz e que vou apenas enunciar, porque este texto já vai muito longo.

Quando os judeus lhe perguntam: *“Que devemos nós fazer para praticar as obras de Deus?”* a resposta de Jesus é imediata: *“A obra de Deus consiste em acreditar n’Aquele que Ele enviou”*.

A vida cristã consiste apenas nisto: **Acreditar em Jesus!**

Mas o que é acreditar em Jesus?

É certamente perceber n’Ele o próprio Deus com o que isso significa da grandeza inimaginável do amor de Deus por todos e cada um de nós!

Mas é também perceber o que Ele disse aos judeus, que Ele era o pão de Deus, o alimento que Deus nos dá para construirmos em nós o homem novo de que falava São Paulo na segunda leitura da missa: *“O pão de Deus é o que desce do Céu para dar a vida ao mundo”*.

Acreditar em Jesus é, por isso, querer ser como Jesus, é querer viver e amar como Jesus, é segui-l’O, é, acima de tudo, viver a vida com Ele!

(E nós só nos sentimos bem na companhia d’Ele se em nós existir esse desejo cada vez maior de nos identificarmos com Ele, de sermos um com Ele!

Acreditas em Jesus?